

# Homem e mulher na década de 30: tensões sociais e vida cotidiana\*

*Maria de Fátima Salum Moreira*

Doutoranda em História – FFLCH/USP

Profª Depto de Educação, FCT/UNESP/PresidentePrudente-SP

## Resumo

As atitudes e valores presentes nas relações entre homens e mulheres na sociedade paulistana da década de 1930, são analisadas através das representações expressas na forma de poesias, piadas, provérbios e caricaturas, divulgadas pela imprensa ferro-viária.

Tais manifestações apontavam para a existência de tensões e reordenamentos nas relações entre os sexos. Neste sentido, tornou-se evidente a construção de imagens que re-

## Abstract

The attitudes and values present in the relations between men and women in São Paulo city society in the 30s are analysed through representations expressed in poetry, jokes, sayings and caricature forms, published by the railway company press.

Such manifestations pointed out to tension and reorderings in relations between sex. By this sense, the construction of images that remit the concerns about

\* Man and woman in the 30s: social tensions and daily life.

Revista de Ciências Humanas	Florianópolis	v. 15	n. 21	p.23-35	1997
-----------------------------	---------------	-------	-------	---------	------

metem à preocupações em torno do “perigo feminino” e da assunção dos papéis sexuais, principalmente na vida conjugal.

**Palavras-chave:** homem, mulher, poder, representações, cotidiano.

“female danger” and the assumption of sexual roles, mainly in the conjugal life, became evident.

**Keywords:** man, woman, power, representations, daily life.

As concepções dos sujeitos acerca do mundo social são constituídas historicamente, sendo que as múltiplas práticas e representações que estes apresentam em relação a qualquer dimensão de sua vida social são constitutivas de sua experiência histórico-cultural. Assim, os dramas, disputas, esperanças e tramas que envolvem qualquer aspecto da vida cotidiana e/ou privada dos sujeitos devem ser entendidos enquanto elementos constituídos *nas* e *constituintes das* lutas e contradições sociais mais amplas de que fazem parte.

Foi através de um trabalho de pesquisa onde destaquei as relações de controle e de subordinação/insubordinação vividas cotidianamente no interior do processo de trabalho ferroviário, que defrontei-me com outros registros da experiência social desses trabalhadores, através de suas manifestações na imprensa ferroviária, onde se podia vislumbrar a pluralidade de questões que envolviam suas vidas (Moreira, 1989).

Assim, procurei ampliar o campo de investigações para os vários níveis de vivências que constituíam a totalidade da sua experiência social. Delimitei o campo da pesquisa para o estudo da forma como se constituíam as relações entre homens e mulheres, sobre as significações, sentidos e valores que fundamentaram as suas atitudes e representações acerca do casamento e dos papéis sexuais.

Os estudos que abordam a temática da família e da mulher no interior do processo de constituição e reorganização do espaço urbano, a partir do final do século XIX e nas primeiras décadas deste século, apontam para a construção de práticas e discursos das classes dominantes no sentido de normatizar e disciplinar comportamentos entre os componentes do núcleo familiar. Redefinições em torno do modelo de família, de trabalhador e de mulher são levadas a efeito através da divulgação de discursos masculinos e normativos dos poderes públicos, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais, juntamente com as falas dos médicos e sanitaristas, as quais oferecem os suportes “científicos” de sustentação daqueles. (Costa, 1979; Rago, 1985; Rago, 1991; Cunha, 1989; Engel, 1989; Silva, 1990)

Considero que é necessário aprofundar a análise sobre a importância e o significado de tais projeções sobre o social, elaboradas tanto por determinados sujeitos da época quanto por seus intérpretes historiadores, a partir de um estudo de como, na realidade mais ampla, os sujeitos efetivamente viviam as situações que eram propostas para as suas vidas. De que forma as intervenções normativas, em suas formas discursivas e práticas, foram experimentadas pelos sujeitos; de que forma os atingem, que reações provocam; que importância e significado tiveram em suas vidas?

Por outro lado, pode-se indagar que outras determinações poderiam estar intervindo na forma como as relações entre os sexos estariam se dando. De que forma, práticas e valores tradicionais inerentes às vivências em torno destas questões, no âmbito da vida mais privada dos indivíduos, estariam se colocando/interagindo/conflitando com os processos sociais mais amplos?

Tais questões apontam para a importância em se indagar sobre os critérios e valores que, em diferentes tempos e espaços, fundamentaram as atitudes de homens e mulheres em relação às expectativas e atitudes que ambos apresentam em relação ao

casamento e à vida conjugal, assim como sobre o significado que atribuem aos sentimentos e, em especial, o que concebem por amor e felicidade, quando estes aspectos passam a ser evocados como condição para esta união.

Os pronunciamentos em torno destas questões que a imprensa ferroviária paulista apresenta na década de 30, apontam para a existência de tensões e reordenamentos nas relações entre homens e mulheres, dentro e fora do casamento, sugerindo a existência de conflitos tanto no âmbito mais particular da vida conjugal, quanto no âmbito de outros espaços mais visíveis de atuação desses sujeitos, numa situação em que se evidencia a preocupação com aquilo que é entendido como o “perigo feminino”. As inúmeras manifestações sobre tais questões, apresentaram-se, nesta imprensa, sob a forma de poesias, crônicas, piadas, caricaturas, provérbios, etc.

Com nuances e diferenciações em relação à forma de pensar os papéis masculino e feminino na vida social e na relação entre os sexos, variadas vozes colocam, de forma recorrente, a mulher e o casamento sob suspeita.

Em relação ao mal e ao perigo que a mulher representa pode-se observar, em um conjunto de frases intituladas “Psicologia da Mulher”, expressões da seguinte ordem:

A mulher quando ama torna-se estúpida, incompreensível, e não passa disso quando deve prestar contas à sociedade.

Quando a mulher chegar a ti, com um sorriso nos lábios, e disser-te: Amo-te. Podes considerar-te o mais infeliz dos homens.

Quando a tua mulher chegar a ti e dizer: Odeio-te. Podes te considerar o mais feliz dos homens.

A mulher é o anjo da terra (dizem os poetas) sim, não se pode duvidar disso. Pois o demônio não chama seus servos de anjos? (Nossa Estrada, jul.35, p.2)

Conforme se percebe, casamento e mulher são colocados conjuntamente sob suspeição:

Sobre o túmulo do marido mandou gravar uma inconsolável viúva o seguinte epitáfio:

Sob a campa recebe, oh! caro esposo,

tênue prova da minha lealdade;

Devo-te muito. O dia em que expiraste

Foi o primeiro dia da minha liberdade! (Nossa Estrada, nov.37, p.4)

Ele (depois de ler um capítulo da novela policial):

– Oh!... Como eu gostaria de encontrar um tesouro enterrado!

Ela: – E eu não sou o teu tesouro?

Ele: – Sim, mas infelizmente não estás enterrada! (Nossa Estrada, jan.34, p.33)

Em janeiro de 1932, o jornal APITO inaugura a “Secção das Moças”, onde o seu responsável responde à cartas de leitoras que o consultam acerca de problemas sentimentais. Alencar Eduardo Bradshaw, que usa o pseudônimo de Aébe, apresenta e justifica a abertura da seção com os seguintes argumentos:

Ultimamente o nosso século vae às mil maravilhas. Imaginem que nos tempos modernos as coisas viraram de vez. Antigamente, os paes é que faziam os entendimentos, e quando menos se esperava, o casório já estava feito. Depois, com o correr dos annos, o homem é quem procurava a quem pedia... a mão da carinha que mais lhe apetecia. Hoje, não há cavação “antiquaria”. Quando as pequenas entendem que o fulano ali da esquina pode comprar-lhe automóveis, pagar-lhes barbeiro um dia sim e outro também para que a barba de seus pescoços não deixem vestígios de seus cabelos compridos à moda dos nossos avós, e satisfazer-lhes todos os caprichos femininos para as exhibições do triângulo nas tardes de sábados, é aí que as cousas estão arrançadas. Não encontram impecilho algum capaz de fazê-las compreender não ser este o seu companheiro ideal, e tanto caem-lhe em cima que este não sabendo como escapar, recorre ao único remédio: o de casar-se com sua admiradora.

Emboa: um tanto avesso às idéias modernas, não quero que o mundo passe mal por minha causa, mas que desabafe toda a sua loucura de progresso pelos corações das mil carinhas bonitas que são o encanto daqueles que as apreciam...Assim, devido a insistência de diversos corações soffredores dos costumes modernos, fui obrigado a crear esta secção de cartas, onde respondo com toda a franqueza da prática que tenho, o modo mais aproximado de satisfazei-los em absoluto..

Dou-vos meus sinceros parabéns, minhas queridas leitoras, pelo desenvolvimento intelectual das cartas que mandasteis, para por meio desta secção tentar tocar no coração indiferente de vossos afeiçoados. Sou franco em confessar que fiquei apaixonado pela leitura de cada carta que recebi. Quanto sentimentalismo. Quanta lágrima derramada em vão... (Apito, 16 de jan. 32)

Aébe refere-se ao desenvolvimento intelectual e ao sentimentalismo das leitoras, no texto anterior, de forma extremamente irônica pois na correspondência que se sucede a esta manifestação, torna-se cada vez mais evidente a sua tentativa de demonstrar que as mesmas são incapazes de pensar e definir os seus destinos, assim como são identificadas como precipitadas, vaidosas, audaciosas, impacientes, que tomam as iniciativas, sendo incapazes de definir o que é melhor para elas ou de julgar corretamente os homens.

O autor apresenta uma preocupação com uma realidade que ele identifica com “tempos modernos”, “idéias modernas”, “loucura do progresso”, no interior da qual aponta para a ocorrência de mudanças nos comportamentos femininos e nos costumes e critérios em relação à escolha dos cônjuges. Destaca também o sentimentalismo que preencheria as “cabecinhas ôcas” das mulheres, apontando para uma crítica ao amor romântico que seria um critério destituído de importância para a escolha do parceiro, pois a sua constituição baseava-se muito mais em elementos tais como a futilidade, inconseqüência e impetuosidade femininas.

Neste sentido, a minha preocupação se volta para a compreensão daquilo que poderia estar ocorrendo nas atitudes femininas, que suscitariam este tipo de avaliação e de reação do sexo masculino. As mulheres estariam realmente desafiando aos homens e à sociedade com novas formas de comportamento? Neste caso, qual seria o fundamento e quais seriam as possibilidades que se colocavam para que estas passassem a assumir novas atitudes? Qual seria o significado social das formas de agir de homens e mulheres em torno dos modos de se

relacionarem? Quais seriam os significados de seus posicionamentos em termos de expectativas quanto ao outro sexo, no contexto das condições históricas que experimentavam?

As disputas e as tentativas de controle em torno da delimitação dos espaços sociais permitidos à presença feminina também são evidentes. Não se trata apenas de discutir onde ela “pode” estar, mas, principalmente, “como” ela está, isto é, trata-se de uma atenção especial sobre as práticas das mulheres nos vários espaços onde ela possa estar se fazendo presente de forma mais notável: praças, lojas, escritórios, oficinas, etc.

As caricaturas exibidas pelo *Apito* têm como temática principal a presença feminina no cenário urbano. Quais mulheres seriam essas com quem o caricaturista se preocupa? Que tipo de mulheres estariam sendo alvo das exposições, geralmente de forma jocosa e ridicularizante, propiciadas por esta forma de humor?

O casamento é apresentado como um campo de tortura onde o homem é a vítima e a mulher a oportunista e algoz. Tendo como fundo os prédios da cidade, uma família parece posar para uma fotografia: todos perfilados um ao lado do outro na calçada. O homem alto e magro parece envelhecido e um tanto alquebrado, apesar de ainda manter uma aparência de superioridade sobre os demais por uma postura ereta que cultiva e talvez, pela própria altura. Entretanto, a sua aparência de supliciado é notável, contrastando com a da própria esposa que apresenta um ar de satisfação e saúde, sob as suas formas arredondadas e a expressão tranqüila. As seis crianças – a mãe carrega uma que está adormecida no colo – também se mostram saudáveis, vestidas de forma simples, embora bem cuidadas, e um tanto envergonhadas como costuma acontecer quando certas pessoas posam diante de uma câmara fotográfica. Os desenhos que são sempre intitulados de *Caricaturas Ferroviárias*, geralmente são acompanhados de uma legenda que remete à alguma situação correspondente ao trabalho ferroviário cotidiano.

Abaixo desta caricatura, uma legenda a denomina: *Um Trem de Lastro*. (Apito, 30 abr. 32, capa). Naturalmente, aquele homem desgastado era a própria locomotiva que arrastava todos aqueles vagões, dos quais a mulher era seguramente o mais pesado, parecendo, inclusive, ser a “fábrica” ou “depositária” dos demais vagões – filhos – que no desenho aparecem num conjunto que parece compor a extensão da mãe.

Outra caricatura: um carro transporta os noivos para a igreja. Ambos ativos e bem vestidos. Ao fundo, os prédios da cidade. A caricatura traz sob si a legenda: *Transporte de Alienados* (artigo 20 do Regulamento) (Apito, 31 jul. 32, capa).

Em outras duas caricaturas o homem aparece apanhando ou prestes a apanhar da mulher. Em uma delas está assustado diante de sua imensa mulher – feia, braços e peitos grandes e fortes – que o aguarda com um grande pedaço de pau, escondido atrás das costas. A legenda: *Signal de perigo... ou “Zona Encercada”*... (Apito, 16 abr. 32, capa). Em outra, novamente duas mulheres corpulentas, aparentando braveza e feiúra – provavelmente a esposa e a sogra – o colocam para fora da casa surrando-o com um pedaço de pau e uma vassoura. Abaixo vem escrito: *Um pára-choques ou...armazém de pancadas* (Apito, s/d., capa).

Se o casamento só pode trazer a infelicidade do homem, que é submetido à tirania e aos desígnios interesseiros da mulher, convém evitá-lo, evitando todas as armadilhas e ardis femininos que são utilizados para a sua “captura”.

Neste sentido, a mulher é observada onde quer que ela se encontre, de um ponto de vista que coloca a sua ação sempre como suspeita ou criticável.

Uma mulher corpulenta, com o peito para a frente, atravessa uma porta, talvez de uma repartição pública, a sua figura ocupa todo o espaço – parecendo saltar do desenho – o que a faz desequilibrar e empurrar para o lado um homem que leva um

grande susto. A legenda diz: *Vagão... fora de Marco. (Apito, 31 jul. 33, capa)*. A mulher fora do lugar, fora da linha, poderia, segundo a sugestão, provocar descarrilhamentos e causar grandes danos ao funcionamento e à ordem da vida social. Se ela se encontra nos escritórios, a serviço ou requerendo serviços, é preciso que ela não perca de vista o seu lugar e a sua linha. O que é que se espera dela? O que é que realmente se teme?

Mas as mulheres de formas sinuosas, bonitas e sensuais não são consideradas menos perigosas do que estas até aqui descritas. Elas são apresentadas nos restaurantes ou cafés, nas praças, nas lojas olhando as vitrines, nos namoros dos portões... E são sempre um mal a ser evitado. São:

Mercadorias de fácil deteriorização (artigo 82 do Regulamento) (Apito, 30 set. 31, capa); Um descarrilhamento – o maquinista não obedecendo o sinal entrou pela linha errada e perigosa... (Apito, 31 jan. 31, capa); Curvas... perigosas ( Apito, 31 mai. 33, capa).

O pai vigia a filha que namora na praça (*O cabineiro espia... a manobra*) (Apito, 16 jan. 31, capa). Quem seria o possível sedutor – ou perigo – naquele namoro a ser controlado pelo pai? O rapaz de terno e gravatinha, cabelos repartidos no meio, protótipo de um Don Juan, ou a moça que com ares e trejeitos supostamente inocentes, lança olhares lânguidos para o rapaz? A manobra de quem cabe ao pai vigiar?

Na calçada de uma região central da cidade o pai, com seu corpo rude e forte, se interpõe entre a filha e o rapaz, provocando uma *Interrupção de Linhas (Artigo 193 do Regulamento)* (Apito, 30 nov. 31, capa). O moço novamente aparece no estilo meio frágil, almofadinha, com uma flor na mão, enquanto ela não consegue disfarçar seus ares maliciosos e provocativos, sob uma tentativa de parecer assustada ou inocente.

A chamada dos pais para a cena, sempre no sentido de uma necessidade de vigiar e controlar a filha, ainda não termina.

Outro pai dá *Uma Brekada... Violenta!* (Apito, s/d., capa) no namoro que acontece no portão de sua casa, suspendendo o namorado pelo colarinho. A moça assustada esconde-se atrás da porta. Mais uma vez os homens se expõem ao perigo por causa das mulheres...

Nada mais significativo de toda esta misoginia do que a caricatura que traz uma mulher enjaulada em uma espécie de carreta de circo, juntamente com um leão que está placidamente sentado, encarando-a com intimidade, enquanto que esta enfurecida, cabelos desgrenhados, olhos arregalados, rosto disforme, agarra-se às grades e vocifera contra o homem que assiste a tudo com ares de imensa felicidade. A imagem da mulher presa contrasta com a do homem bem vestido, traços regulares, plenamente tranqüilo, que faz um gesto de liberdade, colocando os polegares debaixo do braço, a mão espalmada para a frente fazendo o sinal de asas prontas para voar. A legenda diz *Animais Ferozes (artigo 59 do Regulamento)* (Apito, 15 ago. 31, capa).

Como estas representações das relações entre os sexos, em suas vivências cotidianas, podem ser discutidas enquanto parte do universo social mais amplo daquela conjuntura? Numa época em que se gesta um Estado autoritário no Brasil, quando se procura definir a cada sujeito o lugar que ele deve ocupar na chamada tarefa de colaboração e cooperação social – ao mesmo tempo em que este é privado de sua condição de ação política – porque se evidenciaria um deslocamento das preocupações com as tensões relativas às diversas formas de opressão social para os conflitos nas relações entre os sexos? Se as relações de poder estão presentes em todas as dimensões da vida social, mantendo relações entre si, a provocação sobre uma suposta inversão de papéis no interior do casamento – a mulher manda, o homem obedece – estaria articulada com que tipo de interesses, críticas, e/ou concordâncias sobre o conjunto das questões que compunham a vida social?

Aquela figura do homem magro, sofrido, que carrega o peso da responsabilidade pela meia dúzia de filhos e pela esposa rechonchudinha e saudável, poderia estar instigando a idéia de que esta usufrui os benefícios do trabalho do marido e portanto deveria ser agradecida, compassiva, mãe e esposa benevolente?

Que inversões na representação das vítimas poderiam estar aí ocorrendo? Além de definir-se que aquele que sofre, que é penalizado pelas obrigações surgidas a partir da constituição de uma família é sempre o homem, poderia estar ocorrendo uma representação de que todos os sacrifícios e aflições do trabalhador dizem respeito à sua condição de esposo e pai, desvinculando-os, portanto, das condições em que a sua vida social se constitui?

Enfim, como e a partir do que se constituiria a representação da mulher dominadora, brava e violenta, ou daquela sensual, bonita e ardilosa, ambas enquanto símbolo do perigo e da necessidade de um estado de alerta constante por parte dos homens, diante da ameaça que constituem para a sua felicidade?

A crítica aos papéis e lugares sociais ocupados pelas mulheres pode estar sugerindo a existência de uma quebra ou inversão da ordem nas relações homem-mulher? As mulheres estariam realmente assumindo determinadas atitudes que poderiam estar provocando aquelas reações?

As manifestações masculinas teriam o objetivo de ridicularizar as mulheres para que os valores e normas que se propunham para a sociedade pudessem ser reforçados?

Pode-se transpor para esta discussão a interpretação que Natalie Davis faz das inversões cômicas e festivas que brincam com os papéis sexuais no início da Europa Moderna. Ela diz:

a imagem da mulher desregrada nem sempre serviu para manter a mulher no seu lugar, ao contrário, ela era uma imagem polivalente, que poderia operar, primeiro, ampliando as opções de comportamento para as mulheres dentro, e mesmo fora do casamento (Davis, 1990).

As contradições da vida social parecem evidenciar-se nesta conjuntura onde as tentativas de normatização e disciplinarização das práticas e condutas – com prescrições específicas para o “perfil feminino ideal” – são amplamente difundidas para toda a sociedade, através de várias instâncias: a medicina, o direito, a educação, a religião, etc.

Mais do que pensar sobre as diversas leituras que podem ser feitas pelos receptores das caricaturas e textos cômicos apresentados pelo jornal, pode-se procurar inferir sobre a forma efetiva de alteração que estaria ocorrendo nos comportamentos masculinos e femininos e sobre qual seria o seu significado para os sujeitos que viveram o processo de constituição do chamado mundo urbano, industrial e moderno. Neste processo em que ocorria uma instabilidade nas referências e padrões culturais que definiam as formas dos sujeitos se identificarem social e sexualmente, as mulheres assumiam novas formas de participação e inserção nos espaços de trabalho, de consumo, de lazer, etc.

É partindo do levantamento e da descrição das normas sociais e das formas de assimilação e reação que provocam, que se deve buscar a compreensão de como o gênero é socialmente construído, através da análise da natureza política dos papéis sexuais e do simbolismo sexual, enfatizando os seus processos de constituição, que são variáveis e contextualizados.

Conforme argumenta Chartier (1993), o confronto de forças presentes nas relações entre os sexos devem ser vistos como uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída, demonstrando-se, em cada situação histórica, os mecanismos que afirmam a existência da divisão de papéis sexuais como sendo natural, eterna e universal. O autor também defende a necessidade de se estudar as formas como os sujeitos se reapropriam dos instrumentos simbólicos de dominação, subvertendo e deslocando as suas construções.

Neste sentido, pode-se analisar, de outros ângulos e pontos de vista, de que forma as intervenções normativas levadas a

efeito, através da ação dos poderes médicos, jurídicos, eclesiásticos, etc., foram experimentadas pelos sujeitos. Isto significa voltar-se sobre o jogo de interesses e disputas que se fazem presentes em todos os domínios da ação humana e que são expressos na e pela atividade da linguagem. Conforme afirma Davis *achar qual o sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la*, em cada realidade histórica concreta (Scott, 1990).

## Referências Bibliográficas

- CHARTIER, Roger. Differences entre les sexes et domination symbolique (note critique). *Annales ESC*, n.4, p.1005-1010, 1993.
- COSTA, Jurandir F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro : Graal, 1979.
- CUNHA, Maria Clementina P. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery de São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n.18, p.121-44, ago./set. 89.
- DAVIS, Natalie Z. As mulheres por cima. In: *Culturas do Povo. Sociedade e cultura no início da Europa moderna*. Trad. de Mariza Côrrea. Rio de Janeiro : Paz e Terra, p.107-137, 1990.
- MOREIRA, Maria de Fátima Salum. *A organização do processo de trabalho: sua dimensão política na Estrada de Ferro Sorocabana. (1920-1940)*. Assis, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, 1989. Dissertação de Mestrado.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo : Paz e Terra, 1988.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina e São Paulo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.
- SCOTT, Jean. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5-22, jul./dez. 1990